

1990: nova fronteira agrícola

O Brasil precisa dobrar, até o final da década, o crescimento de sua área cultivada para satisfazer os objetivos governamentais de produzir alimentos, criar excedente agrícola para exportação e desenvolver projetos com fins energéticos, segundo estimativa do professor de Economia e Administração da USP, Fernando Homem de Mello.

Será necessário, afirma o professor, um grande esforço para elevar a taxa de crescimento agrícola em área de produção, uma vez que a taxa histórica deste crescimento, nos últimos quarenta anos, foi estimada pelo IBGE entre 2,9 e 3,7% ao ano, números considerados baixos, dado o grande incentivo governamental para o setor.

As novas fronteiras agrícolas concentradas especialmente nas regiões Norte e Centro-Oeste, na opinião de Homem de Mello, são positivas à medida

em que permitem a descentralização da posse e uso da terra, além de se constituir em um meio importante para a distribuição de renda. Segundo ele, o censo de 1980, elaborado pelo IBGE, mostra que "houve aumento na concentração de renda tanto no meio urbano como no rural, sendo que no campo, os números são mais expressivos. Nas cidades, 5% da população com maiores rendimentos tiveram sua renda aumentada de 30,3 para 34,7%, enquanto no campo, para o mesmo segmento da população, o aumento foi de 23,7 para 44,2%".

Na opinião de Fernando Homem de Mello, a viabilidade da fronteira agrícola depende, fundamentalmente, dos incentivos governamentais em áreas específicas, principalmente o transporte. "Se o transporte não for atendido com eficiência, a expansão das fronteiras agrícolas ficará limitada, uma vez que estas áreas de cultivo ficam

muito distantes dos centros consumidores e exportadores."

Paulo da Rocha Camargo, ex-secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, tem outra gestão. Ele acha que antes de expandir sua fronteira agrícola, o Brasil deve expandir a fronteira tecnológica. "Não se tem feito muito no Brasil neste sentido. Até agora, estamos muito preocupados com o aumento da produtividade, da irrigação, dos adubos e sementes, mas pouco se fala em tecnologia."

Segundo Camargo, produzir, na agricultura, não é uma tarefa muito difícil. O desafio está na comercialização dos produtos, tanto no mercado interno como a nível internacional. Ele acredita que o Brasil tem perdido terreno com o café, por exemplo, por falta de emprego de novas técnicas.

Com a laranja, argumenta Paulo da Rocha Ca-

margo, aconteceu exatamente o contrário. Há alguns anos foi utilizada a técnica ideal para esta lavoura e, graças a ela, o Brasil é hoje o maior produtor mundial de sucos cítricos, enquanto São Paulo é o maior centro exportador deste produto. Em 1981, a exportação chegou a 630 milhões de dólares, sendo estimada para este ano a cifra de um bilhão de dólares.

Camargo acha discutível a viabilidade das fronteiras agrícolas e lembra que o custo social desta produção pode não ser muito compensador. "Em São Paulo existe a preocupação com técnicas. Tanto assim que, apesar do seu tamanho, o Estado tem uma das culturas mais diversificadas do mundo. Mas a preocupação com o aprimoramento das sementes deveria ser maior. Afinal, o Instituto Agrônômico de Campinas existe há quase cem anos."